



## Notas sobre o feminismo e neoliberalismo

Notes on feminism and neoliberalism

Tânia Zimmermann\*  
Marcia Maria de Medeiros\*\*

**Resumo:** Nos discursos presentes na mídia é possível perceber posições diferentes em relação aos feminismos, e entre os mais notórios está presente o neoliberal, que tangencia o empoderamento feminino com foco na quebra das barreiras colocadas pelo patriarcado. No entanto, esse feminismo não desafia as fontes estruturais dessa dominação. A permanência da divisão sexual do trabalho ainda continua hierárquica na esfera da produção e sua reprodução determinou a construção contínua de assimetrias de gênero. Este feminismo neoliberal faz pouco para promover a igualdade, especialmente para todas as mulheres. É um modelo adequado para as classes médias com o objetivo de conquistar espaços políticos, profissões e cargos de liderança, mas o trabalho de cuidado geralmente é transferido para trabalhadores mal remunerados ou se compartilha mais. Além disso, este modelo adotou uma noção de igualdade superficial que incorpora a visão dominante neoliberal, que não possui autonomia sexual das mulheres e dos direitos civis de todos os cidadãos.

**Palavras-chave:** Feminismo neoliberal. Trabalho. Autonomia.

**Abstract:** In the speeches present in the media it is possible to perceive different positions regarding feminisms, and among the most notorious is present the neoliberal, which tangents feminine empowerment with a focus on the breaking of barriers put by the patriarchy. However, this feminism does not challenge the structural sources of this domination. The permanence of the sexual division of labor still remains hierarchical in the sphere of production and his reproduction has determined the continuous construction of gender asymmetries. This neo-liberal feminism

\* Graduada em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste, 1992), mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2001), doutora em História pela mesma instituição (2010) com créditos concluídos pela Universidade de Heidelberg, na Alemanha, e estágio de pós-doutorado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). É professora titular da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) no Curso de História e no Mestrado em Educação. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: violência, mulheres, relações de gênero, ensino de história, intersubjetividades e literatura. Contato: zimmermanntania@hotmail.com

\*\* Graduada em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF, 1996), mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, 1999) e doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL, 2006). Professora adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) nos cursos de Turismo, Química Industrial e Enfermagem. Professora permanente do programa de Mestrado Profissional em Ensino em Saúde da UEMS. Tem experiência na área de História, sendo sua área de estudo a História Cultural, estabelecendo relações entre a literatura e outras áreas do conhecimento como a História e a Saúde. Contato: maeve35@hotmail.com



does little to promote equality, especially for all women. It is a suitable model for the middle classes with the aim of conquering political spaces, professions and positions of leadership, but the work of care is usually passed on to poorly paid workers or become more shared. Moreover, this model has adopted a notion of shallow equality that embodies the dominant neoliberal view, which does not have the sexual autonomy of women and of the civil rights of all citizens.

**Keywords:** Neoliberal feminism. Work. Autonomy.

*Sim, existe um problema de gênero ainda hoje  
e temos que resolvê-lo, temos que melhorar.  
(Chimamanda Ngozi Adichie)*

Em recente entrevista, Nancy Fraser<sup>1</sup> apontava para a necessidade de um feminismo global dada a proeminência de um modelo neoliberal, que persegue uma noção rasa de igualdade de gênero. Segundo ela, romper barreiras relacionadas às questões de gênero não significa romper com a exploração inerente a tais premissas.

Este seu posicionamento tem relação com os primórdios de sua atuação no feminismo, dentro da *New Left* (Nova Esquerda) dos anos de 1960, considerado como a segunda onda e sua inclinação à teorização feminista socialista. Em relação às ondas feministas, Perrot (2007) observa que o feminismo nem sempre teve de boa reputação, pois muitas mulheres se defendiam ao serem consideradas feministas. Para Perrot, o feminismo age em movimentos súbitos, ou seja, por ondas.

Ainda de acordo com a autora, “É [um movimento] intermitente, sincopado, mas ressurgente, porque não se baseia em organizações estáveis capazes de capitalizá-lo”.<sup>2</sup> Desta forma e em sua visão, o feminismo deve ser visto como um movimento plural e variado e, em sentido amplo, como designação da luta pela igualdade entre homens e mulheres. Fraser tenta repensar a trajetória da segunda onda para esclarecer as perspectivas de justiça de gênero no tempo presente.

Esta luta pela igualdade entre os gêneros fez parte de um processo histórico em curso em vários países ocidentais que adveio de movimentos sociais como o de mulheres, o feminista e o da contracultura e que passou a ser chamado de revolução cultural<sup>3</sup> porque, em grande parte, focalizou as questões do corpo e da sexualidade.

<sup>1</sup> A entrevista concedida a Gary Gutting encontra-se em: FRASER, Nancy. *Entrevista com Nancy Fraser: um feminismo em que “romper barreiras” não rompe com a exploração*. 2015. Disponível em: <<http://feminismo.org.br/entrevista-com-nancy-fraser-um-feminismo-em-que-romper-barreiras-nao-rompe-com-a-exploracao/>>. Acesso em: 6 fev. 2017.

<sup>2</sup> PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 155.

<sup>3</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Neste contexto, o feminismo foi denominado de segunda onda, uma vez que difere da primeira onda dando prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer e contra toda forma de dominação masculina, conhecida como patriarcado. Conforme Joana Pedro, uma das palavras de ordem da segunda onda era que o privado é político.<sup>4</sup> Segundo a autora, a primeira onda desenvolveu-se no final do século XIX, e as lutas centravam-se na reivindicação dos direitos políticos, sociais e econômicos, ou seja, no direito de votar e ser eleita; questões que envolviam trabalho remunerado, estudo, propriedade e herança.<sup>5</sup>

Para Fraser, a segunda onda do feminismo surgiu a “partir da nova esquerda anti-imperialista, como um questionamento radical ao androcentrismo que permeia as sociedades capitalistas lideradas pelo Estado no pós-guerra”.<sup>6</sup> Nesse contexto, essa onda continha uma promessa emancipatória acrescida de um sentimento expandido de injustiça e uma crítica estrutural da sociedade capitalista. Em meio à forte crise política, social e econômica, essa onda continha possibilidades de mudanças estruturais.

O seu sucesso relativo permeia as questões culturais, porém fracassa em relação às instituições. É inegável as contundentes críticas feministas ao tráfico sexual, ao assédio e às desigualdades salariais que continuam atuais, pois as mudanças relativas às atitudes mostram que tais práticas persistem. Assim, observa Fraser que o feminismo tem provocado uma notável revolução cultural, mas as mudanças de mentalidade não se traduziram em mudanças no sentido estrutural do processo.<sup>7</sup> Porém, a falha institucional não ajuda a entender a historicidade desse movimento social e suas perspectivas futuras:

[...] o que foi verdadeiramente novo sobre [a segunda onda] foi o modo pelo qual ela entrelaçou, em uma crítica ao capitalismo androcêntrico organizado pelo Estado, três dimensões analiticamente distintas de injustiça de gênero: econômica, cultural e política. Sujeitando o capitalismo organizado pelo Estado a um exame multifacetado e abrangente no qual essas três perspectivas se misturaram livremente, as feministas geraram uma crítica que foi simultaneamente ramificada e sistemática. Porém, nas décadas seguintes, as três dimensões de injustiça tornaram-se separadas, tanto entre si, quanto da crítica ao capitalismo. Com a fragmentação da crítica feminista vieram a incorporação seletiva e a recuperação parcial de algumas de suas tendências. Separadas umas das outras e da crítica social que as tinha integrado, as esperanças da segunda onda foram recrutadas a serviço de um projeto que estava profundamente em conflito com a nossa ampla visão holística de uma sociedade justa. Em um bom exemplo da perspicácia da história, desejos utópicos acharam uma segunda vida como correntes de sentimento que legitimaram a transição para uma nova forma de capitalismo: pós-fordista, transnacional, neoliberal.<sup>8</sup>

<sup>4</sup> PEDRO, 2005.

<sup>5</sup> PEDRO, 2005.

<sup>6</sup> FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. *Mediações*, Londrina, v. 14, n. 2, p. 11-33, jul/dez., 2009, p. 12.

<sup>7</sup> FRASER, 2009.

<sup>8</sup> FRASER, 2009, p. 14.



Ainda segundo Fraser, muitos ideais dessa onda convergiram para o neoliberalismo e, dessa forma, a autora questiona a possibilidade de reativá-los. Para Fraser (2009), a segunda onda do feminismo provocou uma revolução cultural que não necessariamente alterou estrutural e institucionalmente os padrões vigentes na sociedade ocidental. Segundo ela, “Há algo a ser dito a respeito desta visão, que acertadamente registra a ampla aceitação de hoje das ideias feministas”.<sup>9</sup>

A autora ainda sugere que pensar esta lógica como uma espécie de falha institucional que atingiu um determinado sucesso cultural não ajuda na compreensão da significação histórica e muito menos das “futuras perspectivas da segunda onda do feminismo. Postular que as instituições ficaram defasadas em relação à cultura, como se uma pudesse mudar enquanto a outra não, sugere que apenas precisamos fazer a primeira alcançar a última a fim”.<sup>10</sup>

Fraser deu continuidade à luta feminista influenciada pela Nova Esquerda para pensar sua crítica à inserção das mulheres nas posições de poder nas estruturas societárias capitalistas. Nestas estruturas, dividiram-se duas atividades consideradas “distintas”, quais sejam: a permanência da divisão sexual do trabalho ainda hierarquizada na esfera produtiva e na reprodução biológica da espécie, cuja divisão rígida tem determinado a construção contínua das assimetrias de gênero.

Este feminismo neoliberal pouco promove a igualdade, sobretudo para todas as mulheres. Trata-se de um modelo adequado às classes médias para conquistar espaços políticos, profissões e cargos de chefia. Porém os trabalhos de cuidado geralmente são repassados a trabalhadoras mal remuneradas ou se tornam mais jornadas não partilhadas. Segundo Fraser,

Para isso, é necessário desafiar as fontes estruturais da dominação de gênero na sociedade capitalista – acima de tudo, a divisão institucionalizada de dois tipos de atividades supostamente distintos: de um lado, o chamado trabalho de “produção”, historicamente assalariado e associado aos homens; de outro, as tarefas ligadas ao “cuidado”, historicamente não remuneradas e ainda realizadas sobretudo por mulheres. Na minha opinião, essa divisão sexual hierarquizada entre “produção” e “reprodução” é uma estrutura determinante da sociedade capitalista e grande causa das assimetrias de gênero inerentes a ela. As mulheres não poderão se emancipar enquanto essa estrutura permanecer intacta.<sup>11</sup>

De acordo com a feminista Gloria Anzaldúa, as estruturas de dominação colonial continuam a oprimir atualmente nos níveis econômico neoliberal e epistêmico, particularmente no que se refere aos discursos sobre gênero e/ou sexualidade, inclusive das feministas liberais. Nesta perspectiva da colonialidade, Rita Laura Segato observa que, apesar de todo aparato jurídico em relação à violência contra as mulheres e o feminicídio, é possível perceber que “a crueldade e o desamparo das mulheres aumentam à medida que a modernidade e o mercado se

<sup>9</sup> FRASER, 2009, p. 13.

<sup>10</sup> FRASER, 2009, p. 13.

<sup>11</sup> FRASER, 2015, p. 1.

expandem e anexam novas regiões. [...] podemos, sem dúvida, falar de barbárie crescente de gênero moderno, ou do que já é chamado 'genocídio de gênero'".<sup>12</sup>

Cabe inferir que em relação ao genocídio de gênero vemos inovações no *modus operandi* de violar corpos femininos e feminizados num ritmo crescente e sem contenção. Países como Guatemala, Honduras, El Salvador, México, Congo e Brasil são emblemáticos dessa realidade na qual a violência contra as mulheres dobra e até triplica em relação às estatísticas de vítimas homens. Com a expansão neoliberal, é possível entender que

[...] rapinagem sobre o feminino se manifesta tanto sob as formas de tráfico e comercialização de tudo o que estes corpos podem oferecer, até o seu limite. A ocupação depredadora dos corpos femininos ou feminizados se pratica como nunca até aqui e, nesta etapa apocalíptica da humanidade, espolia até deixar somente restos.<sup>13</sup>

Nesse contexto, o patriarcado e a heteronormatividade ainda são penetrantes, e Anzaldúa propõe novos agenciamentos:

Contudo, não é suficiente se posicionar na margem oposta do rio, gritando perguntas, desafiando convenções patriarcais, brancas. Um ponto de vista contrário nos prende em um duelo entre opressor e oprimido; fechados/as em um combate mortal, como polícia e bandido, ambos são reduzidos a um denominador comum de violência. O "contraposicionamento" refuta os pontos de vista e as crenças da cultura dominante e, por isso, é orgulhosamente desafiador. Toda reação é limitada por, e subordinada à, aquilo contra o qual se está reagindo. Porque o "contraposicionamento" brota de um problema com autoridade tanto externa como interna representa um passo em direção à liberação da dominação cultural. Entretanto, não é um meio de vida. A uma determinada altura, no nosso caminho rumo a uma nova consciência, teremos que deixar a margem oposta, com o corte entre os dois combatentes mortais cicatrizado de alguma forma, a fim de que estejamos nas duas margens ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo, enxergar tudo com olhos de serpente e de águia. Ou talvez decidamos nos desvencilhar da cultura dominante, apagá-la por completo, como uma causa perdida, e cruzar a fronteira em direção a um território novo e separado. Ou podemos trilhar uma outra rota. As possibilidades são inúmeras, uma vez tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir.<sup>14</sup>

Em recente obra, Connell discute como a América Latina perpetua o legado das forças coloniais e patriarcais que silenciaram uma série de etnias, outros modelos sociais e outras possibilidades de viver o corpo, gênero e/ou sexualidade. Daí a necessidade de pensar gênero a partir do sul. Na América Latina, as ideias modernizadoras oriundas de um discurso advindo do norte e de caráter colonizatório e intervencionista debilitaram as vidas comunitárias e autônomas, irrompendo a vida local em nome de uma globalidade, gerando dependência.

<sup>12</sup> SEGATO, 2012, p. 3.

<sup>13</sup> SEGATO, 2012, p. 3.

<sup>14</sup> ANZALDÚA, Gloria. "La conciencia de la mestiza: rumbo a una nova consciencia". *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, 13(3): 704-719, setembro-dezembro, 2005, p. 705.

O colonizador neoliberal ofereceu o discurso igualitário coadunado com os princípios do individualismo no qual subjaz o racismo que submete mulheres e homens não brancos a dominação e a desigualdades de toda a ordem. Para Connell,

Um caso particularmente importante da política de gênero indireta é o neoliberalismo. [...] O neoliberalismo é, em princípio neutro em relação ao gênero. O “indivíduo” não tem gênero e o mercado oferece vantagens ao empreendedor mais esperto, não a homens ou mulheres em si. Mas o neoliberalismo não luta pela justiça social em relação ao gênero. Na Europa Oriental, a restauração do capitalismo e a chegada da política neoliberal foram acompanhadas de uma aguda deterioração da posição das mulheres.<sup>15</sup>

Esta autora ainda salienta que em países capitalistas ocidentais o neoliberalismo atacou o Estado assistencialista a partir de 1980 e, com isso, alterou muito mais a vida de mulheres do que de homens. Ao afetar a desregulação das relações de trabalho novamente, mais mulheres enfrentam a casualização do trabalho. Esse processo também afetou os empregos em setores públicos em que as mulheres figuram como maioria. Ao diminuir as taxas de tributação individual, também reduziu a transferência de renda para muitas mulheres. Para piorar, arrochou o acesso à educação pública, que é a principal porta de entrada das mulheres rumo ao mercado de trabalho melhor remunerado.<sup>16</sup>

O neoliberalismo ainda funciona como uma espécie de política de masculinidade dada à ingerência do Estado nas questões de gênero, as quais afetam os homens. Assim sendo, “muitas políticas convencionais (questões de segurança e de economia) lidam substancialmente com homens ou servem aos interesses dos homens, sem que este fato seja reconhecido”.<sup>17</sup>

Connell ainda nos situa sobre as políticas da masculinidade e a reforma de gênero. Para a autora, o conceito de masculinidade representa um modo de viver e pensar que se difunde como elemento de direção e submissão, mesmo que não consciente, através dos quais homens e meninos são controladores de acesso à igualdade de gênero. Estas pesquisas apontam para as cambiantes e conflituosas construções sociais das masculinidades.

Nesta discussão, Connell apresenta um estudo de caso sobre empresários no poderoso setor financeiro da economia e aborda o caminho pelo qual a masculinidade se estrutura na ordem mundial de gênero. Para ela, os padrões de masculinidades “são criados por meio de um processo histórico com dimensões globais”<sup>18</sup> atravessados pela classe, raça, diferenças nacionais, regionais e geracionais. Sobre os processos reacionários, Connell assim se posiciona:

Em uma escala mundial, movimentos reacionários explícitos tem importância limitada. Não obstante um grande número de homens, está envolvido com a

<sup>15</sup> CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. Trad. Marília Moschkovich. Sao Paulo: InVersos, 2016, p. 107.

<sup>16</sup> CONNELL, 2016, p. 107-108.

<sup>17</sup> CONNELL, 2016, p. 108.

<sup>18</sup> CONNELL, 2016, p. 94.



preservação da desigualdade de gênero. O patriarcado é defendido de maneira difusa. Existe o apoio às mudanças vindo de um número igualmente grande de homens, mas a articulação desse apoio é uma luta árdua. Esse é o contexto político com o qual novas iniciativas em prol da igualdade de gênero têm de lidar.<sup>19</sup>

As mudanças na ordem do gênero dependem também de apoios em meio a resistências. Para Connell, globalmente os homens tem muito a perder ao lutar pela igualdade de gênero porque ainda coletam os dividendos patriarcais.<sup>20</sup> Nas instituições, os homens ainda controlam coletivamente os instrumentos de coerção e os meios de violência. Sobre questões tangenciais inerentes a tais premissas, Fraser reitera:

O padrão que considera as qualidades “masculinas” melhores do que as “femininas” está arraigado nas nossas instituições e práticas sociais, inclusive no direito, na medicina, na cultura corporativa e nos critérios de concessão de benefícios sociais. Não é de espantar que faça parte da mentalidade das pessoas. Mas não é só aí que ele está presente. Pelo contrário. Valores culturais de subordinação das mulheres estão totalmente embutidos nas estruturas sociais que regulam a interação entre as pessoas no cotidiano. Assim, o feminismo não pode se limitar a uma mudança de mentalidades. Também precisamos extirpar os princípios machistas das nossas instituições sociais e substituí-los por outros que fomentem uma participação igualitária de mulheres e homens, entre todas as pessoas.<sup>21</sup>

Ao se referir às mentalidades androcêntricas sobre e entre as mulheres, a autora observa que há um profundo enraizamento societário. Entre um dos exemplos preferidos está uma história de adivinhação:

É a seguinte: um menino chega à emergência de um hospital em estado grave depois de sofrer um acidente de carro seríssimo. O pai dele morreu na hora. A pessoa responsável por fazer a cirurgia olha para o menino e diz: “Eu não vou conseguir operá-lo. É o meu filho.” Aí eu pergunto: como é possível? É impressionante como a maioria das pessoas – dentre elas, mulheres e feministas – demora para perceber que a pessoa responsável é uma mulher. Muitos acabam dizendo que é um homem gay. É claro que existem inúmeros outros exemplos significativos de como esses preconceitos machistas influenciam o julgamento da qualificação de candidatos a vagas de emprego.<sup>22</sup>

Além das limitações que acompanham as mentalidades, as mudanças permeiam a condição de todos os seres humanos, e para isso o capitalismo não coaduna igualdade com mercado. Nesse ínterim, “o feminismo liberal serve [...] de álibi para esse canibalismo. É o feminismo liberal que cada vez mais fornece o carisma e a aura de emancipação que o neoliberalismo explora para legitimar sua distribuição de riqueza entre os ricos”.<sup>23</sup>

Para Fraser, essas feministas colaboram para a exploração capitalista:

[...] recrutou mulheres para a força de trabalho remunerado em larga escala, além de exportar produtos industrializados para o Sul global, enfraquecer sindicatos e multiplicar a oferta de subempregos. Isso se traduziu em redução de salários,

<sup>19</sup> CONNELL, 2016, p. 109.

<sup>20</sup> CONNELL, 2016.

<sup>21</sup> FRASER, 2016, p. 3.

<sup>22</sup> FRASER, 2016, p. 4.

<sup>23</sup> FRASER, 2016, p. 2.



aumento expressivo do número de horas de trabalho remunerado necessárias para sustentar uma família e corrida desesperada para transferir as tarefas do cuidado a terceiras, com a intenção de disponibilizar mais tempo para o trabalho remunerado. Que ironia tais práticas receberem uma maquiagem feminista! A crítica ao salário familiar feita pelo feminismo, anteriormente contra a desvalorização do cuidado na sociedade capitalista, hoje serve para alimentar a valorização do trabalho remunerado dentro desse sistema.<sup>24</sup>

Nessa relação entre o feminismo e o neoliberalismo, também é possível encontrar divergências, e novamente Fraser é quem aponta para essa questão quando se refere às novas (porém tradicionais) maneiras através das quais a subordinação de gênero se instaura na sociedade pós-moderna. Para a autora, tais prerrogativas

[...] surgem de processos estruturais ou sistêmicos nos quais as ações de muitas pessoas são mediadas de forma abstrata ou impessoal. Um caso paradigmático é o que Susan Okin caracterizou como “um ciclo de vulnerabilidade claramente assimétrica e socialmente provocada pelo casamento”. Em que a responsabilidade tradicional das mulheres para o processo de criar e educar os filhos ajuda a moldar os mercados de trabalho que as desfavorecem, resultando em poder desigual no mercado econômico, o que, por sua vez, reforça e exacerba o poder desigual na família. [...] Tais processos de subordinação mediados pelo mercado são a própria essência do capitalismo neoliberal.<sup>25</sup>

Nas proposições de um movimento articulado do feminismo, Fraser observa a necessidade deste se “aliar a outros movimentos sociais progressistas e emancipatórios [contribuindo] com esforços intelectuais e práticos para ajudar a direcionar as mudanças”<sup>26</sup> e ressalta ainda quais seriam as possibilidades para tal:

Eu gostaria de propor uma estratégia de “reforma não reformista”, para usar uma ideia do pensador ecossocialista André Gorz. Ou seja, reformas que produzam resultados reais nos dias de hoje e, ao mesmo tempo, abram caminho para lutas radicais por mudanças mais profundas e estruturais no futuro. [...]. Como eu disse antes, a dominação masculina não pode ser superada sem abolirmos a fixação do capitalismo pela produção econômica em detrimento da reprodução social. É por isso que eu enxergo a busca por transformações radicais como uma pauta mais realista do que a ideia de “romper barreiras”. Mas eu não teria problema se alguém provasse o contrário. Se um novo modelo capitalista for capaz de promover a libertação das mulheres (de todas as mulheres) sem prejudicar outras pessoas, eu aceito. Bom, então vamos correr atrás de reformas não reformistas e ver no que dá.<sup>27</sup>

Porém, há também motivos para se ter otimismo na educação escolar, em ações sociais de valorização da paternidade, em políticas de gênero entre homens e em lutas anticapitalistas. Nesta questão, Fraser vê a necessidade de reconectar a crítica feminista à crítica ao capitalismo e reposicionar o feminismo à esquerda. Fraser ainda escreve:

Estou sugerindo, então, que este é um momento em que as feministas devem pensar grande. Tendo observado como o violento ataque neoliberal instrumentalizou nossas melhores ideias, temos uma abertura agora para reivindicá-las. Agarrando este momento, poderíamos simplesmente dobrar o arco

<sup>24</sup> FRASER, 2015, p. 3.

<sup>25</sup> FRASER, 2009, p. 30.

<sup>26</sup> FRASER, 2016, p. 3.

<sup>27</sup> FRASER, 2016, p. 3.



da transformação iminente na direção da justiça – e não apenas no que diz respeito a gênero.<sup>28</sup>

Connell (2016) acredita que a igualdade de gênero pode ser um empreendimento criativo e alegre para os homens e mulheres cujo projeto compreende altos princípios de justiça social e uma vida melhor para todos os gêneros. Mas, para tal feito, urge uma reconexão com a crítica feminista anticapitalista para pleitear as demandas por justiça para tod@s.

Esse pressuposto de justiça ultrapassa fronteiras e permite que comecemos a pensar/articular um projeto social que culminaria em um *locus vivendi* diferenciado, mais justo, mais equânime onde os seres humanos possam viver uma vida mais plena, longe das nocivas definições de gênero que arbitram o seu comportamento, as quais são pautadas em premissas biologicamente instituídas.

### Considerações finais

Os séculos de lutas feministas foram eivados de conteúdo e práticas emancipatórias, e esse legado permeia nosso cotidiano. As lutas, como afirma Perrot (2007), agiram em ondas intermitentes e sincopadas, cujo efeito é duradouro, mas também limítrofe. De certa forma, essa questão infere porque, quando se trata de discutir gênero, feminismo, igualdade entre homens e mulheres, e outras questões, existe uma grande dificuldade de fazer as pessoas falarem sobre o tema. Para Adichie, isso ocorre porque as pessoas se sentem pouco à vontade para discutir mudanças inerentes ao *status quo* vigente.

Isto não significa que as lutas, sobretudo as da segunda onda, não devam retomar as pautas cujos esforços conjugavam as questões estruturais econômicas e políticas com a emancipação feminina. Porém, Fraser advoga que o neoliberalismo amarrou essas conquistas na exploração das relações de trabalho. Enquanto perdurarem as dicotomias entre a esfera da produção e da reprodução, não poderemos avançar em práticas libertárias para o feminino.

O esforço para superar essa visão rasa sobre o empoderamento feminino reconectaria a crítica feminista à crítica ao capitalismo reposicionando o feminismo à esquerda. Com o ataque neoliberal às ideias feministas de equidade e outras pautas emancipatórias, Fraser entende que devemos buscar uma abertura para reivindicá-las, cuja contenda entre os gêneros e a desigualdade estrutural deve se direcionar à justiça para todas as pessoas.

### Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

ANZALDÚA, Gloria. “La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciencia”. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, 13(3): 704-719, setembro-dezembro, 2005.

<sup>28</sup> FRASER, 2009, p. 32.



- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do Livro, 1949. v. 2.
- CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p.185-206.
- CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. Trad. Marília Moschkovich. São Paulo: InVersos, 2016.
- FRASER, Nancy. *Entrevista com Nancy Fraser: um feminismo em que “romper barreiras” não rompe com a exploração*. 2015. Disponível em: <<http://feminismo.org.br/entrevista-com-nancy-fraser-um-feminismo-em-que-romper-barreiras-nao-rompe-com-a-exploracao/>>. Acesso em: 6 fev. 2017.
- FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. *Mediações*, Londrina, v. 14, n. 2, p. 11-33, jul/dez., 2009.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista História*, São Paulo, vol. 24, n. 1, 2005, p. 77-98.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade del poder y clasificación social. *Journal of World-Systems Research*, vol 2, 2000, p. 342-386.
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *Uma história dos Annales (1921-2001)*. Trad. Jurandir Malerba. Maringá: Eduem, 2004.
- SEGATO, Rita Laura. *Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial*. Disponível em: <<https://eces.revues.org/1533>>. Acesso em: 2 mar. 2017.
- SEGATO, Rita Laura. *Las estructuras elementares de la violencia*. Buenos Aires: Prometeo: 2003.
- SEGATO, Rita Laura. Los cauces profundos de la raza latinoamericana: una relectura del mestizaje. *Crítica e Emancipación*, n. 3, 2010, p. 11-44.
- SEGATO, Rita Laura. *Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial*. 2012. Disponível em: <<https://eces.revues.org/1533>>. Acesso em: 2 març. 2017.
- ZIMMERMANN, Tania R. Imprensa, movimento de mulheres, feminismo e violência de gênero no oeste do Paraná nas décadas de 1970 e 1980. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, vol. 14, n. 2, 2009, p. 161-177.

[Recebido em: julho de 2017 /  
Aceito em: outubro de 2018]